

“Eu Sou, Eu Quero, Eu Posso”

Ensaio Sobre O Desenvolvimento Humano

João Gomes-Pedro

Resumo

É a capacidade que identifico com o sentido de competência, com esta auto-imagem tão positiva de que vale a pena, de que há sempre alguma coisa em nós e à nossa volta que transforma a vida em belo, é esta procura de infinito através de cada finito do nosso quotidiano, é a este mistério que eu chamo resiliência.

Associo profundamente a origem dos vínculos a este substrato fundamental da resiliência. As primeiras relações da criança que insisto deverem ser o ponto de viragem do desenvolvimento a merecer uma atenção primordial da Pediatria, as primeiras relações, dizia, são como na teia de aranha, os pilares sobre os quais se alicerça toda a estrutura futura do equilíbrio qual molde que vai dar o tom e, sobretudo, a esperança, nas relações futuras. Uma relação de confiança, transaccionalmente positiva e gratificante entre mãe e bebé gera auto-confiança e sentido de competência em cada nova relação no espectro progressivamente mais largo dos vínculos e das transacções. Resiliência é, assim, algo que também se ajuda a construir num dos seus pólos através dos condicionantes estruturais que geram o contexto da vida e que, no espírito da nossa reflexão representam, afinal, a grande convergência das forças do desenvolvimento.

Os três pilares fundamentais da resiliência podem ser estilizada-mente resumidos em três auto-sentimentos, porém referidos à relação com os outros, esperadamente significativos:

“Eu sou, Eu quero, Eu posso”.

Os valores que estas linhas de força significam para a criança serão, fundamentalmente, os esteios do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Vinculação; Resiliência; Desenvolvimento Humano.

Summary

“I Am, I Want, I Can”

An Essay on Human Development

The mystery I call resilience is the capacity that I identify with sense of competence, with the positive self-concept making things worthwhile, with the idea that there is always something within ourselves and around us that transforms life in beauty. It is the search for

infinite in each finite of our every day life.

In my view, there is a strong association between the first attachments and this fundamental resilience substract. The child's first relationships which, I insist, are a developmental touchpoint deserving primordial attention in Paediatrics, are like in the spider's web, the pillars on which future structure is balanced, as an imprint giving rise to tone and, mainly, hope in future relationships.

A trust-based transitionally positive and gratifying relationship between mother and baby gives way to self-confidence and sense of competence in each new relationship, in the progressively wider spectrum of attachments and transactions.

Resilience is, therefore, something that we can help build up, through structural conditions which give rise to life context and which represent, in the spirit of our reflection, the major convergence of developmental strengths.

The three main pillars of resilience may be summarized in three feelings of self, referred to relationships with hopefully significant others:

“I am, I want, I can”

What these lines of strength mean for the child will be, fundamentally, the basis of human development.

Key-Words: Attachment; Resilience; Human Development.

“Eu sou, eu quero, eu posso”, representa o objectivo último do desenvolvimento humano.

Independentemente do nível dos desempenhos, do gradiente das dimensões, dos ritmos do faseamento, das desadequações face às expectativas, dos sonhos com cada uma das intervenções, das esperanças que cada homeostase proporciona, enfim do evoluir, independentemente de tudo isto, dizia, desenvolvimento pessoal identifica-se, em última análise, com o maior ou menor sucesso que cada um *sente na vida.*

“Eu sou, eu quero, eu posso” será, assim, a última redução da equação humana.

Chegar a esta expressão sináptica do desenvolvimen-

“Eu Sou, Eu Quero, Eu Posso”

Ensaio Sobre O Desenvolvimento Humano

João Gomes-Pedro

Resumo

É a capacidade que identifico com o sentido de competência, com esta auto-imagem tão positiva de que vale a pena, de que há sempre alguma coisa em nós e à nossa volta que transforma a vida em belo, é esta procura de infinito através de cada finito do nosso quotidiano, é a este mistério que eu chamo resiliência.

Associo profundamente a origem dos vínculos a este substracto fundamental da resiliência. As primeiras relações da criança que insisto deverem ser o ponto de viragem do desenvolvimento a merecer uma atenção primordial da Pediatria, as primeiras relações, dizia, são como na teia de aranha, os pilares sobre os quais se alicerça toda a estrutura futura do equilíbrio qual molde que vai dar o tom e, sobretudo, a esperança, nas relações futuras. Uma relação de confiança, transaccionalmente positiva e gratificante entre mãe e bebé gera auto-confiança e sentido de competência em cada nova relação no espectro progressivamente mais largo dos vínculos e das transacções. Resiliência é, assim, algo que também se ajuda a construir num dos seus pólos através dos condicionantes estruturais que geram o contexto da vida e que, no espírito da nossa reflexão representam, afinal, a grande convergência das forças do desenvolvimento.

Os três pilares fundamentais da resiliência podem ser estilizada-mente resumidos em três auto-sentimentos, porém referidos à relação com os outros, esperadamente significativos:

“Eu sou, Eu quero, Eu posso”.

Os valores que estas linhas de força significam para a criança serão, fundamentalmente, os esteios do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Vinculação; Resiliência; Desenvolvimento Humano.

Summary

“I Am, I Want, I Can”

An Essay on Human Development

The mystery I call resilience is the capacity that I identify with sense of competence, with the positive self-concept making things worthwhile, with the idea that there is always something within ourselves and around us that transforms life in beauty. It is the search for

infinite in each finite of our every day life.

In my view, there is a strong association between the first attachments and this fundamental resilience substract. The child's first relationships which, I insist, are a developmental touchpoint deserving primordial attention in Paediatrics, are like in the spider's web, the pillars on which future structure is balanced, as an imprint giving rise to tone and, mainly, hope in future relationships.

A trust-based transitionally positive and gratifying relationship between mother and baby gives way to self-confidence and sense of competence in each new relationship, in the progressively wider spectrum of attachments and transactions.

Resilience is, therefore, something that we can help build up, through structural conditions which give rise to life context and which represent, in the spirit of our reflection, the major convergence of developmental strengths.

The three main pillars of resilience may be summarized in three feelings of self, referred to relationships with hopefully significant others:

“I am, I want, I can”

What these lines of strength mean for the child will be, fundamentally, the basis of human development.

Key-Words: Attachment; Resilience; Human Development.

“Eu sou, eu quero, eu posso”, representa o objectivo último do desenvolvimento humano.

Independentemente do nível dos desempenhos, do gradiente das dimensões, dos ritmos do faseamento, das desadequações face às expectativas, dos sonhos com cada uma das intervenções, das esperanças que cada homeostase proporciona, enfim do evoluir, independentemente de tudo isto, dizia, desenvolvimento pessoal identifica-se, em última análise, com o maior ou menor sucesso que cada um sente na vida.

“Eu sou, eu quero, eu posso” será, assim, a última redução da equação humana.

Chegar a esta expressão sináptica do desenvolvimen-

to implica reconhecer a fenomenologia da transição em todo o processo da evolução do Homem.

O sentido de transição é ainda mais abrangente que o da mudança.

Direi que, em termos conceptuais, o significado da transição na vida é, simultaneamente, mágico e profético.

Com efeito nós conhecemo-nos por anteciparmos cada nova etapa da vida cumprindo-se em cada momento a profecia de uma mudança antecipatoriamente agendada.

O mistério está no modo como ela se processa o que faz com que ninguém consiga auto-identificar-se com o seu próprio trajecto em termos de transitoriedade de vida.

Nos dicionários, transição é definido como um trajecto de uma fase para outra.

O grande desafio para quem entende desenvolvimento é o de predizer transições nos seus significativos mais próximos e, sobretudo, mais pequenos.⁽¹⁾

Assim aconteceu com Charles Darwin (Ensaio biográfico dum bebé, publicado em 1877), William Preyer (A mente da criança, publicado em 1882) e Jean Piaget (Introdução à Epistemologia Genética, publicado em 1950).

Todos eles introduziram avanços fantásticos na psicologia do desenvolvimento a partir de observações feitas nos seus próprios filhos.

Tenho estado atento a esta magia das transições mas infelizmente ainda não são muitas as oportunidades que uma vida ainda demasiado ocupada me deixa ter com os meus netos.

Todavia, consigo antecipar algumas das transições no desenvolvimento do Tomás, do Gonçalo e da Mariana.

Porém, a profecia que é este antecipatório transformase quase sempre em magia, qual êxtase do inesperado, do fantástico e, sobretudo do misterioso que a transacção traz à transição.

A transacção tem a ver comigo e a magia surge quando sinto ser eu a provocar o fantástico que surpreende a regra, a expectativa, a profecia.

Eu gosto de fazer magia com os meus netos.

O que é espantoso quando se faz magia é o gozo que se tem quando se constata os efeitos dessa magia, sobretudo em alguém a quem queremos muito. Esse gozo tem um valor acrescentado quando sentimos nós próprios que o efeito da magia ultrapassa a nossa própria expectativa e somos nós, então, espectadores e receptores da nossa mágica.

Lembro-me da magia das nuvens a esconderem a lua que o Tomás, com um ano, identificava como minha.

Numa noite de verão, de lua cheia, com o céu enevoadado, a cada momento que uma nova nuvem cobria a lua eu dizia – “não há lua” – num jogo de cucu intencional que ele reproduzia comigo quando a sua fraldinha lhe tapava a cara e eu dizia “não há Tomás”.

Com o Gonçalo e com a Mariana surpreendo-me cada dia com os efeitos mágicos de lenga-lengas adaptadas a cada um deles.

A transição que surpreende e transcende a minha própria profecia e predição, é dada pelos efeitos de pequenas alterações que faço na lenga-lenga original.

Desde que nasceu o Gonçalo, construí uma lenga-lenga contendo séries de vocativos que já lhe atribuí quando ainda só o conhecia através das sucessivas ecografias pré-natais.

É assim: “É o goji gojó é o gonchi do avi é o menhi menhi gaivota”.

“Goji gojó” eram já nomes atribuídos quando ainda não era certo ele vir a ser Gonçalo.

Avi sou eu e gaivota vem do silvo inspiratório que o Gonçalo produzia nos primeiros dias de vida por uma traqueomalácia, felizmente transitória.

O Gonçalo passou a gostar da lenga-lenga e eu, então, fui introduzindo pausas e variações na sequência e na cadência das palavras.

Na expressão do Gonçalo eu pude passar a ler, aos 2, depois aos 3 e depois aos 4 meses a alegria e a frustração dessa expectativa quando, em vez de – “É o goji gojó é o gonchi do avi, é o menhi menhi gaivota” eu ficava só pelo avi e depois só pelo gojó, etc. não cumprindo assim uma espécie de jogo que passou a fazer parte daquela expectativa feita magia.

A magia em cada bebé provém de uma expectativa de jogo de relação em que o bebé é, cada vez mais, o parceiro fundamental precisamente porque protagoniza transições sucessivas que ele precisa de transaccionar.

Esta capacidade de transformar emoções e encantamento em sentimento faz parte de uma das competências que só muito recentemente passámos a descobrir no bebé.

Quando eu começo a dizer “É o goji gojó é o gonchi do avi” e paro aqui a sequência, o Gonçalo vê frustrado o global de uma expectativa que é a lenga-lenga completa, mas entretanto já teve tempo para expressar um enorme sorriso aberto a que só falta a explosão final.

Quando eu paro logo no “gojó” ele esbugalha os olhos, abre a boca e fica expectante, sério, ansioso, à espera do resto da sequência. O sorriso fica apenas a florado num dos cantos da sua boca.

Se porém continuo e termino a lenga-lenga todo o corpo então se relaxa, a expressão da face transformase por completo e são só emoções de contentamento que fazem a explosão do fim da lenga-lenga.

Quer dizer, o bebé constrói fantasias face às intervenções reais da sua vida de relação e vai então adaptando na base de construções modais imperceptíveis, as suas próprias expectativas em função das transições que ele vai percebendo nos seus parceiros mais significativos.

Quando uma dessas expressões lhe provoca surpresa, o

bebê transforma então emoção em suspense e, nessa medida, induz, do nosso lado, uma intervenção reparadora no sentido de ser reconstruído o puzzle da sua expectativa que, por sua vez, representa o processo estrutural da sua homeostase.

A expectativa do bebê é a coerência de emoções, é a contingência da comunicação tal como na música o que cada compositor procura, é a harmonia.

Numa sinfonia, o tema de fundo é repetido vezes sem conta, as variações surgem na lógica de transições melódicas, a magia da criação é executada pelos instrumentos mas é na expressão do global que se sente, mais ou menos, a harmonia.

Nós fazemos com a música o que cada bebê faz na relação. O bebê transforma cada interação em relação, em sentimento, em estado de alma.

Na medida em que cada bebê induz na sua mãe a força da harmonia, ele é o autor de uma criação que não tem similar, ele é um compositor de paixões.

Todos os filósofos procuraram e procuram encontrar harmonias conceptuais que identificam como ordem do pensamento, qual coerência de uma expectativa profética.

Sócrates foi tentado a renegar o seu pensamento face à força da evidência que os físicos da sua época exuberantemente demonstravam no então proclamado "espírito da ordem" expresso pelo ar, pelo éter e pela água.

O desconforto de Sócrates era o de não encontrar o sentido dessa ordem.

Foi então que Sócrates escreveu – "*Tive de ter cuidado para não perder o olho da alma*".

O Gonçalo tal como qualquer bebê, quando não consegue encontrar "o equilíbrio da alma" quando eu lhe frustro a expectativa na lenga-lenga esperada, às vezes chora. Quase sempre eu consigo evitar o sentimento de tristeza, o descalabro e vou, então, procurando adaptações mais curtas, porventura mais subtis provocando aquilo que, afinal, foi a grande descoberta de Piaget – a capacidade adaptativa da criança tão bem desenvolvida na sua epistemologia estruturalista. Quando volta a ficar adaptado, volta de novo a explosão.

Para mim é cada vez mais apaixonante esta força imensa do bebê que o faz transformar as várias mensagens da comunicação que ele próprio induz, em estados de alma.

O bebê funciona como os adultos em estado de paixão. Não interessa o tipo de comunicação, não interessam as palavras, não interessa o conteúdo. O bebê reage ao fluxo, à sequência, à melodia, à sintonia, à contingência com cada uma das suas expectativas.

O bebê reage à harmonia, ao perfume das emoções, enfim, ao sentimento.

O que o Gonçalo aprecia na minha lenga-lenga é, certamente, o sentimento que eu ponho nela, o ritmo que eu ponho nas palavras que não existem mas que são dele, a

sequência que eu ponho nesses sons, nas pausas que eu faço entre eles.

Necessariamente com outro jogo, passa-se exactamente o mesmo com a Mariana.

Mariana é um pouco mais nova que o Gonçalo.

Desde os primeiros dias de vida que eu lhe canto uma cantiga tradicional dedicada ao seu nome:

"Mariana meu amor vamos embora, Mariana, está na hora... guarda a chave do portão põe no armário e guarda o gato na gaiola do canário"

Nos intervalos de cada uma das componentes da cantiga eu deito a língua de fora, ritmicamente, continuamente.

A sequência modal é mais ou menos esta "Mariana meu amor vamos embora (língua) Mariana, está na hora (língua)".

Desde o primeiro mês de vida até agora – 4 meses – o sucedâneo das transições no estado de alma da Mariana é fantástico.

Ao princípio a Mariana, tão só, foi desenvolvendo o alerta com que perscrutava o meu semblante, me ouvia e me imitava.

A pouco e pouco a concentração era traduzida num franzir de sobrolho cada vez mais pronunciado e, depois, num sorriso.

Com um mês, esperadamente, a língua da Mariana saía com um intervalo de latência grande relativamente à propulsão da minha língua.

Aos 2 meses a latência diminuiu drasticamente e a imitação começou a sair perfeita, imediata, fiável e sistematicamente reproduzida.

Aos 3 meses o começar da minha, da nossa cantiga passou a ser logo acompanhado por uma gargalhada estridente, provocatória.

Uma leve e simples paragem da cantiga provocava a surpresa, a frustração, o absurdo.

Porquê a paragem, porquê este que eu ainda não identifico como avô ou como avá (que é como eu me identifico junto dela), interrompe um fluxo, um ritmo, uma qualquer coisa que eu aprendi a transformar em sentimento, em estado de alma?

Para António Damásio a origem da consciência, provém de uma cadeia de sequências que tem a sua origem na regulação básica da vida e que é, no fundo, representada pela nossa homeostase.

É a partir da homeostase que o bebê fica disponível para as emoções, é através das emoções que o bebê constrói sentimentos e é a partir do sentimento que o bebê assume comportamentos construindo imagens e identificações, ou seja consciência.

Por sua vez, é a partir da consciência que elaboramos o juízo crítico sobre os outros, sobre as coisas, sobre a vida, enfim, o pensamento.

Três teóricos marcaram de modo decisivo tudo que conhecemos hoje sobre desenvolvimento.

Foram eles Henri Wallon, Piaget e Vygotski.

Todos eles sustentaram o princípio fundamental de que a pessoa humana evolui na medida em que interage com o seu meio.

A emoção é uma peça central na teoria de Wallon e é a Neurociência de hoje que confirma os seus primeiros pressupostos.

Para Wallon a personalidade da criança constrói-se segundo uma evolução dialéctica feita de uma alternância entre afectividade e inteligência.

Para Vygotski o meio social é também a fonte do desenvolvimento mental.

Piaget acrescenta a estes constructos a noção de equilíbrio ao qual estão intimamente ligados os conceitos tão bem conhecidos da assimilação e da acomodação reunidos naquilo a que passámos todos a chamar adaptação.

O problema de todos os pensadores que também não alienamos é o de que não somos profetas e é assim que tal como Sócrates arriscamos em cada dia o tal "olho da alma".

Olhando para a magia do meu brincar com o Tomás, com o Gonçalo e com a Mariana, percebemos como terão porventura faltado ao olho da alma de Wallon, Vygotski e Piaget três pequenos nada, porém fundamentais ao nosso conhecimento actual do bebé.

Brazelton, com a sua aposta no bebé, mostrou-nos o caminho para o preenchimento de três nada.

O primeiro diz respeito à convicção que, por exemplo, Piaget eternizou e que foi a de que a inteligência do bebé é meramente sensorio-motora.

Hoje todos sabemos que não é assim. As competências do bebé são muito mais completas e complexas.

Desde as primeiras semanas o bebé já é capaz de categorizar tamanhos, formas e cores de objectos e é igualmente capaz de coordenar olho e mão.

O outro pequeno nada que hoje podemos acrescentar ao constructo piagetiano é-nos demonstrado por todos os Tomás, Gonçalos e Marianas deste mundo. Refiro-me à noção de espaço, de tempo, das relações causais e da persistência também já patentes no bebé desde, pelo menos, o primeiro mês de vida.

O terceiro pequeno nada que certamente hoje Piaget, não deixaria de assumir é de que só a cognição não explica o desenvolvimento.

É o afecto, é o vínculo, é o investimento na relação que fazem construir a identidade.

Há muitos licenciados e até doutorados que estruturam o seu progresso na base, tão só, de uma cognição construtivista.

Hoje, porém, sabemos-lo todos que "o olho da alma" precisa de algo mais.

"Eu sou, eu quero, eu posso", marca a diferença por-

ventura subtil mas é esta diferença em que se resume a minha diferença após trinta anos a estudar desenvolvimento humano.

A frustração das expectativas, no bebé, é, para mim, a demonstração mais evidente destas competências precoces do bebé.

A frustração das expectativas testemunha a consciência do caos, do absurdo face a uma ordem esperada de sentimentos em que, a pouco e pouco, se foram transformando as emoções.

Sabemos todos bem o que é a expressão do absurdo num bebé que vê frustradas as suas expectativas.

Uma mãe ansiosa, uma mãe desatenta, uma mãe deprimida pode esgotar as adaptações possíveis que cada bebé vai conseguindo construir face ao sentimento de caos que, porventura, vai percebendo.

Conhecemos bem este absurdo com a nossa própria investigação feita sobre o "still-face".

O "still-face" é uma situação experimental em que a mãe faz uma cara não expressiva, não reactiva perante os estímulos e desafios do seu bebé quando ele tenta repor a comunicação e fazer cumprir as expectativas que tem face à dança interactiva.

O "still-face" será, porventura, um dos exemplos mais dramáticos da violação de expectativas, do não sentido, da mais completa anti-contingência, principalmente porque o bebé não está preparado para ela.

Aos 15 dias de vida, aos 12 meses de vida, provavelmente aos 20, aos 40 anos, aos 60 anos o processo é sempre o mesmo.

O "still-face" é, para nós, a demonstração mais forte, pela negativa, de uma das forças mais expressivas do desenvolvimento humano e que é representada no bebé pela sua propensão para a interacção e para a relação contingente com alguém, preferencialmente seu significativo.

Aprendemos a posteriori, com o "still-face" algo que põe em causa muito do que, tradicionalmente, temos ensinado sobre Desenvolvimento infantil.

O enigma do desenvolvimento continua a ser um dos factores de desassossego da nossa vida de interventores na Saúde e na Educação.

Jean Jacques Rousseau foi dos primeiros a legar-nos esta dúvida relativa ao processo do desenvolvimento que, para ele, Rousseau, estava, por sua vez, identificada com a sua ideia de reforma social.

Na savana da Guiné, um Homem Grande (notável da tabanca) contou-me uma história que se identifica bem com este legado de dívida ou insatisfação e que afinal, corresponde à nossa incessante procura de uma evidência científica que assegure coerência à nossa prática.

Era assim a história:

Um certo rei pediu aos seus escribas para trazerem para o palácio real todos os livros do reino. Os volumes

ocuparam mais de metade da área do palácio e, durante anos, o rei, segundo a lenda, consultou todos aqueles livros.

Ao fim de um rol de anos o rei chamou de novo os seus escribas e ordenou-lhes que resumissem todas aquelas obras num único volume. Depois de alguns protestos manifestamente inúteis face à ordem real, meteram mãos ao trabalho e, dez anos depois, trouxeram ao rei um volume de 600 páginas, no qual tinham sido destiladas, qual alquimia mágica, todas as verdades contadas na totalidade dos livros.

O rei leu a obra e logo depois chamou, novamente, à sala do trono os seus consultores e ordenou-lhes que resumissem todos os conteúdos daquele livro numa só página. Novos protestos, claramente infrutíferos e, entretanto, mais cinco anos de trabalho até ao seu regresso junto do rei. Tinha sido cumprida a ordem, mais uma vez. O rei leu aquela página e logo convocou os seus peritos com nova ordem inclusa. Era preciso reduzir tudo o que estava contido naquela página em uma só palavra.

Nova perplexidade, novos protestos e um mês depois nova missão cumprida.

O rei pegou na folha de papel trazida em bandeja de prata e leu então a palavra. A palavra era, imaginem, apenas isto: "*Provavelmente ...*"

Viria a descobrir, ao longo do tempo, ser este "Provavelmente" o paradigma da minha atitude perante todas as transições científicas que o desenvolvimento humano tem proporcionado.

O modelo tradicional de escada para explicar desenvolvimento humano, provavelmente já não é correcto. O desenvolvimento processa-se através de transições constantes porventura inoperantes, centradas na referida sequência que vai da homeostase ao "juízo crítico". O locus epicêntrico da transição, porém, está no sentimento decorrente das emoções que o afecto determina.

O afecto em cada criança cumpre-se no paralelo da satisfação das suas expectativas, no aliviar dos seus desencontros.

A expectativa de cada criança é a de descobrir e de aprender a gostar.

Miguel Ângelo, na sua criação de Adão, terá feito a profecia do destino do Homem – a Relação.

O desenvolvimento da criança, centrado na relação, é potenciado pelo modo como ela gosta de viver na proporção do modo como ela se sente gostada.

Durante cerca de vinte anos estivemos envolvidos em vários projectos de investigação centrados na preocupação clínica de favorecer o desenvolvimento da criança através de uma intervenção mediada.

Na base desta filosofia de intervenção estava, pressuposto, o objectivo de intervir a favor de uma potenciação de desempenhos infantis, nomeadamente cognitivos,

simultaneamente ao de procurar reduzir riscos comportamentais e de promover mais resiliência, tanto individual como familiar.

Três fundamentações existiam no nosso espírito à semelhança de muitos outros autores que nas duas últimas décadas publicaram os seus resultados sobre intervenção precoce.

A primeira, correspondia ao pressuposto de que o desenvolvimento infantil é um processo dinâmico e complexo determinado por múltiplos factores que fazem parte do ecossistema de cada criança e que lhe promovem a descoberta.

A segunda baseava-se na evidência resultante de muitos estudos experimentais em neurociência, demonstrativos de que a experiência precoce tem efeitos directos no desenvolvimento cerebral, nomeadamente ao nível da multiplicação neuronal e dendrítica.

A terceira fundamentação apoiava-se nos constructos da vinculação nomeadamente no pressuposto transaccional de que as primeiras experiências interpessoais influenciam os processos de auto-estima e de construção do sentido de coerência de cada criança e de cada família, no seu castelo.

No mesmo contexto de outros estudos similares em que os factores distintivos foram a metodologia da intervenção e o modo de seguimento, planeámos um projecto de intervenção precoce baseado na hipótese de que uma actuação ao nível da percepção materna sobre as competências dos bebés induziria vantagens nas aquisições potenciais de cada criança.

Neste estudo a nossa intervenção foi dirigida a mães no terceiro dia da vida dos seus bebés.

Neste constructo, este nosso estudo pretendeu demonstrar a que níveis e até a que distância da intervenção praticada era possível constatar a presença de efeitos no desenvolvimento infantil a partir de uma motivação parental desencadeada no período sensível da maternidade, precisamente na fase pós-natal mais imediata.

Na filosofia subjacente ao planeamento do estudo, havia, assim, como que pressuposto um círculo de sucessivos desenvolvimentos de causa-efeito tendo como determinante central a hipótese de que a promoção de um melhor conhecimento sobre as competências e comportamentos infantis implicaria uma transformação das atitudes parentais, transformação esta que iria influenciar, por sua vez, os desempenhos cognitivos e sócio-emocionais dos bebés daquelas famílias.

Provámos ser isso possível entre o nascimento e os dois anos de vida, mas provámos também que outras circunstâncias do porvir são igualmente significativas na vida de cada um, apagando a partir dos dois anos, os efeitos significativamente mais positivos do grupo experimental.^(2,3)

A última década foi, de facto, palco de uma enorme

controvérsia sobre os constructos determinantes dos estudos de intervenção precoce, por via dos resultados díspares e, também, da constatação das dificuldades em interpretar resultados obtidos em estudos metodologicamente distintos, para além da sua transculturalidade.

De qualquer modo, da controvérsia, terá sido possível isolar dois mitos, porventura identificados como determinantes do desenvolvimento.

O primeiro mito – determinista – fundamenta-se no pressuposto de que intervenções dirigidas preferencialmente a bebés quer com planeamentos de acção isolada quer com intervenções repetidas ao longo do desenvolvimento, determina efeitos no desenvolvimento posterior desses bebés.

É patente a constatação da presença de efeitos a curto prazo destes projectos, estando os efeitos a longo prazo mais dependentes da natureza repetitiva das intervenções prolongadas sobretudo em função dos seus timings, tendo em conta as idades e os estádios do desenvolvimento das crianças intervencionadas.

Os opositores ao mito determinista baseiam-se nas interferências dos vários contextos e das variáveis que fazem parte da evolução e da circunstância de cada um. Será, porventura, este, o segundo mito, a que podemos chamar de circunstancial.

A plasticidade do nosso sistema nervoso central e a capacidade de podermos recuperar em função de todas as oportunidades que a vida nos pode proporcionar, pode, de facto, fazer a diferença e é esta, também, a evidência que ressalta da nossa experiência clínica.

Existe para nós, uma terceira via (provavelmente um novo mito) e que diz respeito ao modo individual e único pelo qual cada criança interpreta as suas próprias experiências, as suas emoções, as suas transações, em cada transição da sua vida.

O modo como cada criança lê o que lhe vai acontecendo e o que vai sentindo sobretudo nas suas relações mais significativas, constituirá o seu processo (P) ou seja a construção do seu sentido de coerência que é, por sua vez, o fiel da balança que pesa cada uma das componentes daquela viagem que vai da regulação básica ao juízo crítico, ainda no mesmo modelo de Damásio.

É deste modo que eu julgo que a Neurociência mais actual contribui para a conceptualização que levou ao modelo proposto por Bronfenbrenner – P.P.C.T. ⁽⁴⁾

É o processo que confere mais ou menos resiliência a cada criança, mais ou menos consistência na génese do sentido do eu que, por sua vez, proporciona as forças com que cada um se governa.

O C representa o contexto em que cada pessoa vive o que quer dizer a sua cultura, as suas relações, o seu modo de vida, a sua identidade.

O P representa a Pessoa e nesta componente estão

especialmente integrados os sistemas interiores que, por exemplo, no bebé regulam os seus estádios, o seu stress, as suas interacções.

Parte do que cada Pessoa é, está no seu genoma.

A descodificação do genoma humano terá sido uma surpresa para muitos e, para outros entre os quais me incluo, foi a confirmação de que é na transacção, nomeadamente entre genes e as circunstâncias pessoais, que reside o mistério da diferença.

Temos, afinal, poucos mais genes do que a mosca mas isto talvez explique a infinita diferença entre os que vivem como moscas e os que se comportam como pessoas.

O T representa o tempo e com ele as transições enfiadas o evoluir, o desenvolvimento.

Todos nós conhecemos o mecanismo natural da procura de ilusões face às falências e às desilusões no processo que a cada um custa definir como desistência de si. Todos nós conhecemos também as histórias de luta, de energia para a sobrevivência, de forças para a vitória.

Permitam que revise hoje e aqui uma das histórias de luta e que para mim é exemplarmente significativa. Trata-se da vida curta mas tão rica de Anne Frank.

Três circunstâncias da vida de Anne Frank são de uma importância crucial para se entender o significado da sua resiliência.

A primeira é o objectivo e a razão da luta, ou seja, a resistência ao anti-ideal representado pela máquina hedionda do fascismo.

A segunda circunstância é a da existência, na vida de Anne de uma pessoa significativa, para além dos pais capaz de "aceitar tudo incondicionalmente" como ela própria o escreve no seu diário.

Kitty, essa pessoa, é alguém do imaginário criado por Anne mas a existência de alguém, fantasiado ou real, com estas características, é uma condicionante fundamental para a resiliência.

A terceira circunstância diz respeito à capacidade de encontrar sempre em si uma qualquer razão, um qualquer factor que suplante a adversidade.

Escreve Anne: "Eu não penso na angústia mas sim na beleza de subsistir apesar dela. É aqui que existe uma grande diferença entre mim e a minha mãe. O conselho que ela dá contra a melancolia é o seguinte – pensa em toda a angústia deste mundo e sente-te feliz por não a conhecer. Eu, pelo contrário, aconselho-me assim a mim mesma: vê os campos, a natureza, o sol, e tenta encontrar a felicidade em ti, a partir de toda a beleza que fazes crescer em ti e ao redor de ti!"

É esta capacidade que identifico com o sentido de competência, com esta auto-imagem tão positiva de que vale a pena, de que há sempre alguma coisa em nós e à nossa volta que transforma a vida em belo, é esta procura de infinito através de cada finito do nosso quotidiano, é a

este mistério que eu chamo resiliência.

"Eu sou, eu quero, eu posso", terá sido, provavelmente, o que o rei aprendeu dos sábios e o que o Homem Grande da Tabanca da Guiné me quis ensinar; é provavelmente isto e só isto que, neste escrito, me apetece transmitir.

Associo profundamente a origem dos vínculos a este abstracto fundamental da resiliência. As primeiras relações da criança que insisto deverem ser o ponto de viragem do desenvolvimento a merecer uma atenção primordial da Pediatria, as primeiras relações, dizia, são como na teia de aranha, os pilares sobre os quais se alicerça toda a estrutura futura do equilíbrio qual molde que vai dar o tom e, sobretudo, a esperança, nas relações futuras. Uma relação de confiança, transaccionalmente positiva e gratificante entre mãe e bebé gera auto-confiança e sentido de competência em cada nova relação no espectro progressivamente mais largo dos vínculos e das transacções. Resiliência é, assim, algo que também se ajuda a construir num dos seus pólos através dos condicionantes estruturais que geram o contexto da vida e que, no espírito da nossa reflexão representam, afinal, a grande convergência das forças do desenvolvimento.

Os três pilares fundamentais da resiliência podem ser estilizadamente resumidos em três auto-sentimentos, porém referidos à relação com os outros, esperadamente significativos:

"Eu sou, Eu quero, Eu posso".

O que é que estas linhas de força significam para a criança?

Comecemos pelo "Eu sou".

Eu sou alguém que tenho pessoas à minha volta em quem confio e que gostam de mim.

Eu sou alguém que tem pessoas que marcam limites no que eu faço e por isso eu sei quando devo parar para me controlar, para me organizar.

Eu sou alguém que tem quem me mostre como fazer coisas bem.

Eu sou alguém que tem quem quer que eu aprenda e faça coisas à minha maneira e não à maneira dos outros.

Eu sou alguém que tem quem me ajuda quando não estou bem, quando estou em perigo ou quando estou doente ou ainda quando preciso de resolver problemas.

Eu sou alguém que partilha o meu bolo de anos com quem gosta de mim.

A segunda linha de força é o "Eu quero".

Eu quero ser uma pessoa que os outros apreciem e pos-sam amar.

Eu quero ser alguém que fica feliz quando faz coisas que os outros gostam porque me preocupo com eles.

Eu quero ter respeito por mim próprio e pelos outros.

Eu quero ser responsável por aquilo que faço.

Eu quero ser alguém que é capaz de tomar conta de

quem eu gosto.

A terceira linha de força é o "Eu posso".

Eu posso estabelecer relações com os outros, pedir-lhes ajuda e dar-lhes um abraço, mesmo quando são muito maiores do que eu.

Eu posso encontrar soluções para os problemas que eu enfrento.

Eu posso controlar-me quando me apetece fazer coisas menos certas ou perigosas.

Eu posso agir segundo a minha consciência e tomar decisões.

Eu posso gerir a minha vida, partilhar o modo de vida e, assim, ajudar o mundo a ser melhor.

Não será necessário possuir todas estas variantes das três grandes linhas de força do desenvolvimento infantil para se ser resiliente; porém, a carência numa dessas linhas criará dificuldades individualmente sentidas de modo diferente em cada pessoa.

Uma criança pode ser amada ("Eu sou") mas se porventura não tiver forças ou convicções internas ("Eu quero") ou se não tiver competências sociais ou interpessoais ("Eu posso") poderá sentir-se como menos resiliente. Noutra exemplo, uma criança pode ter uma enorme auto-estima ("Eu sou") mas se, porventura, não se sentir capaz de comunicar com outras ou de resolver problemas ("Eu quero") ou se, ainda, não tiver ninguém que a ajude ("Eu posso") poderá encontrar dificuldades na sua resiliência.

Ainda de outra perspectiva, uma criança pode sentir apetência para comunicar muito bem ("Eu posso") mas se eventualmente não sentir auto-estima ("Eu quero") ou se não conseguir aprender porque não identifica o seu sentido de pertença ("Eu sou"), poderá ter entraves na construção da sua resiliência.

Este modelo de "Eu sou", "Eu quero" e "Eu posso" pode inspirar os profissionais de Saúde e de Educação e sobretudo os pais, avós e outros familiares ou amigos, a dar uma mão a alguém em cada momento ou em cada oportunidade do quotidiano da vida, sobretudo quando esse alguém é bebé, criança ou jovem.

Na coerência deste modelo, é preciso motivar a criança a dizer NÃO ao demasiado fácil, à miragem, à incoerência.

Referi há pouco o significado primordial que tem a construção dos primeiros vínculos do bebé com a sua mãe, autêntico modelo e pilar de toda uma teia de resiliência que se estrutura depois ao longo do resto da vida.

É, afinal, a construção do sentido de coerência, em cada um, na família, na escola, na comunidade.

"Eu sou, eu quero, eu posso", representa, de facto, a expressão de um modelo que é subjacente a todas as transições do desenvolvimento humano.

Jogar ao "Cucu" com o Tomás, brincar ao "Goji, Gojó" com o Gonçalo, dar a oportunidade à Mariana de ser capaz, aos 2 meses, de deitar a língua de fora na correspondência

de um desafio de afecto, dar enfim, a qualquer bebé, tempo e espaço para que cresça, em coerência, é, provavelmente, o modo mais certo de garantir as necessidades irreduzíveis da criança.

Bibliografia

1. Gomes-Pedro J. Transições. Ponto de Vista. *Acta Pediatr Port* 2000; 31: 413-21.
2. Gomes-Pedro J, Patrício M, Carvalho A, Goldschmidt T, Torgal-Garcia F, Monteiro M B. Early intervention with Portuguese Mothers: A 2-Year Follow-up. *J Dev Behav Pediatrics*. 1995; 1: 21-8.
3. Gomes-Pedro J. O que é ser Criança? Da genética ao comportamento. In: *Novos Desafios à Bioética*. Porto Editora, 2001.
4. Bronfenbrenner U, Crouter A C. The evolution of environmental models in developmental research. In: P. Mussen (Series ED.) & W. Kassen (Vol. Ed.), *Handbook of Child psychology: Vol. 1. History, theories and methods*. 4th ed. New York: Wiley, 1983: 357-414.